

EMANUEL RIBEIRO

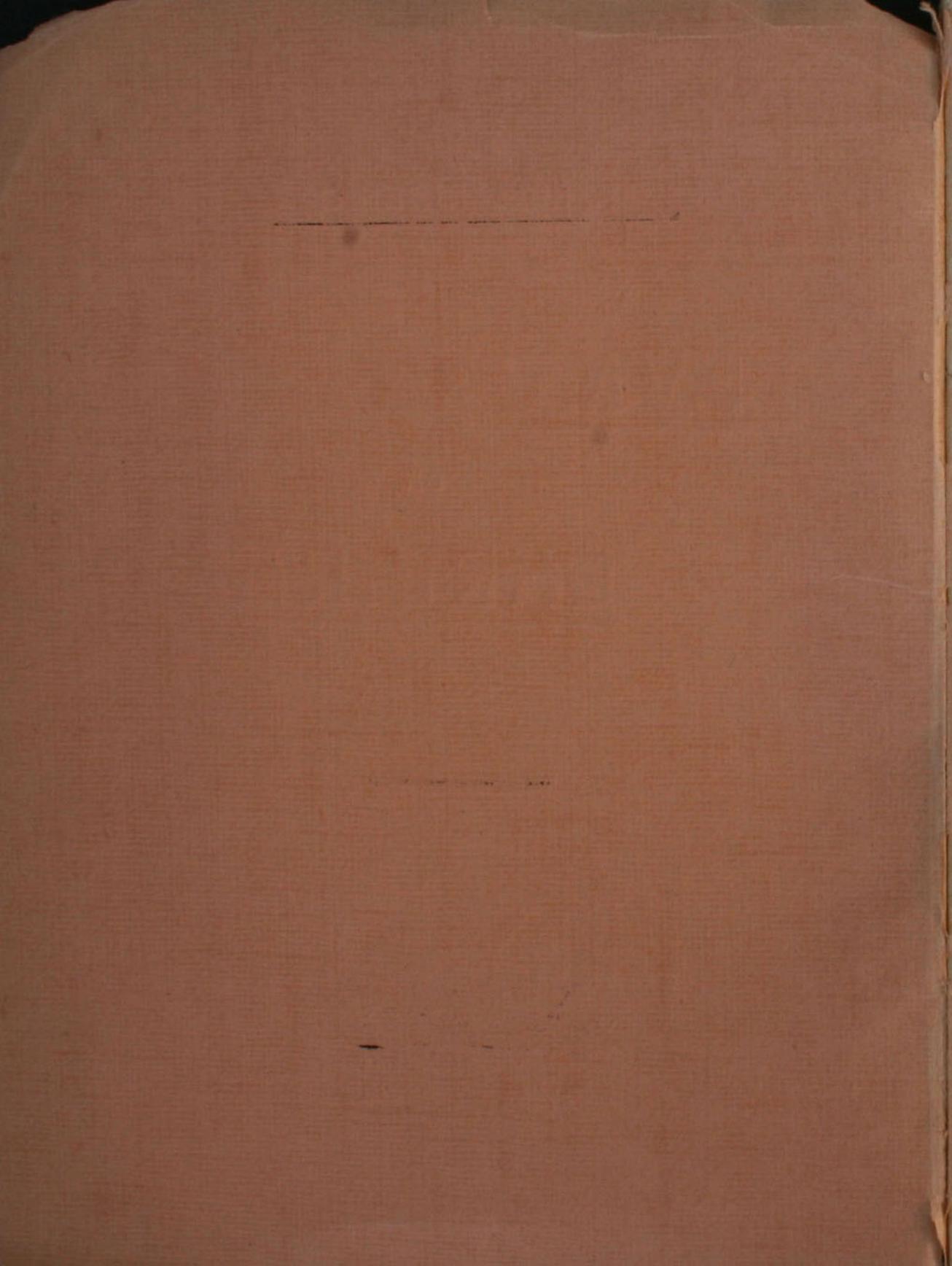
FVMO

DA

LAREIRA



4



A R. Medvedev

J. Stenius

of the
L. L. L.

FVMO DA LAREIRA

DO AUTOR:

Linho (versos — 1904, esgotado)

Humanos (versos — 1906)

Terra! Terra! (esgotado)

De colaboração com Feliciano Soares

... O Doce nunca amargou

Alguns motivos ornamentais de doçaria portuguesa

Serguilha e Tomentos

(retalhos de prosa)

A SAIR:

Água fresca

(apontamentos sobre olaria nacional)

Periscópio (Notas de arte)

De colaboração com Pedro Vitorino

EMANUEL RIBEIRO

F v m o
da Lareira

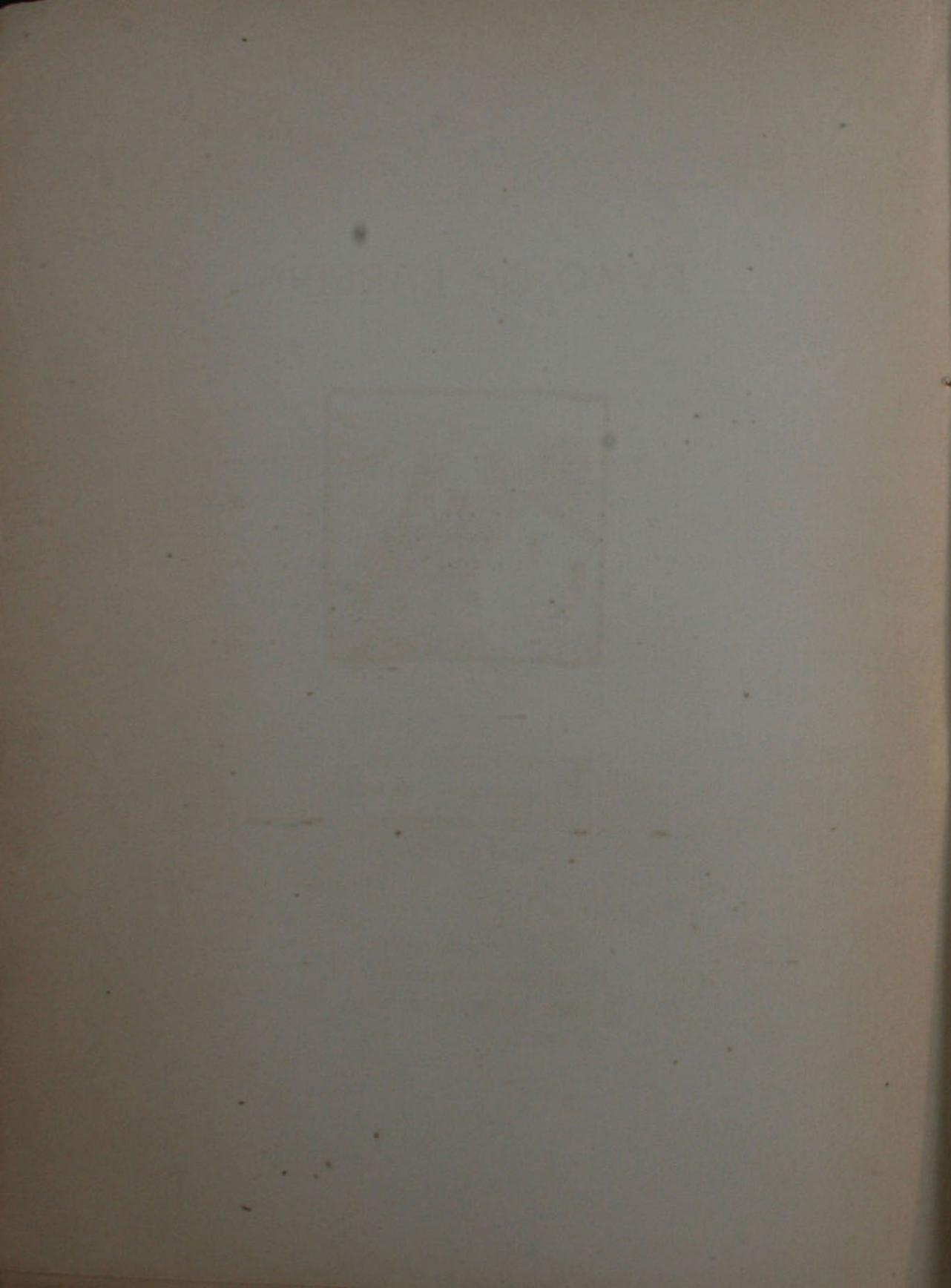
DESENHOS DO AUTOR



TIP. SEQUEIRA, LIMITADA
114, Rua de José Falcão, 122
— PÓRTO —

..... «Que la ville m'ennuie!
«Volons aux champs; c'est là qu'on jouit de la vie,
«Qu'on est heureux».....

DELILLE.



FUMO DA LAREIRA



TERNA evocação pagã,
Reza mística de freira!
Dos colmos, da telha vã,
Sai o fumo da lareira.

Sobe ao céu, espiralado,
Qual incenso dum altar!
Fumo branco, perfumado,
A vida de cada lar...

FUMO DA LAREIRA

A madeira resinosa
Cheira bem quando queimada;
E sobe em volteio leve
Fumo de mancha azulada,
Pluma gelada, de neve.

OS VIMES



VERGAR um vime
E dar-lhe a fôrma
Que vive no pensamento,
A fôrma que nos exprime
Da noss'alma um sentimento,
— Oh! louca visão fixada! —
Parece não valer nada,
Mas é tudo.
De contrário
O gesto seria mudo...

OS VIMES

Flexível e maleável,
Todo o vime se meneia!
Rouba a curva mais amável,
Tanto à flôr, como à sereia...
Toma a fôrma, a mais graciosa,
De gavinha,
Ou qual asa de andorinha,
Ou qual pétala de rosa.

Tôda a gente humilde é bôa
E tem belo coração!
Assim tal qual o vimeiro!
Dá-lhe o vento,
Forte ou lento,
E se curva logo ao chão;
Mas depois dêle passar,
Ergue a cabeça p'r'o ar...
E fica com os braços seus
Como que a dizer «adeus».

Caules amorosos
E prodigiosos,
Que contornam a linha mais sensível

OS VIMES

Da beleza!
Combiná-los,
Dar-lhes a curva estranha de mil gozos,
Dar-lhes a mágica luz do impossível,
Que baila e vive a dentro a natureza,
Oh! — favor infinito
E gracioso e bendito...

P'ra colear a linha ascética dum sonho
Ou p'ra contornar a curva ideal dum beijo,
Só um gesto meigo
De chama ou labareda
Crepitante e vermelha!...
E o homem num tal desejo
Ascencional e meigo, e mágico e risonho,
Fez nascer, dum riso, a linha da corbelha...

Enlaçar o vime, então,
De mil fórmulas combinadas,
Mas em tal combinação
Que dá coisas arrendadas,
Oh! feliz inspiração!

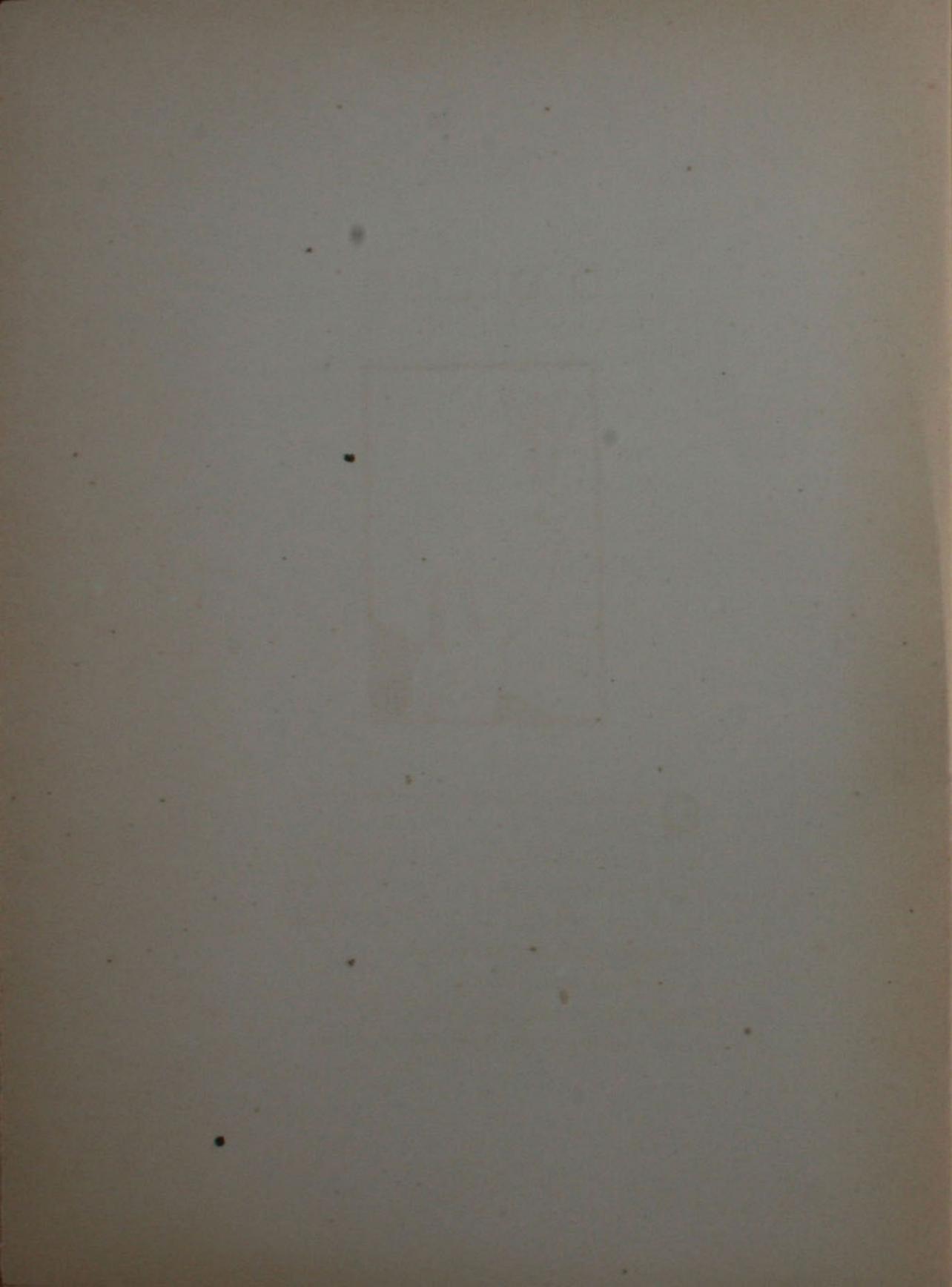
A arte não se inventa, ela amanhece
Só naquele que crê...
É como o sol que nasce, que aparece
Sem se saber porquê...
Porém nem só o vimeiro
Faz laçadas,
Pois também o castanheiro
Nos dá hastas,
Que rachadas,
Aparadas,
Dão canastras
De peixeiro...

¿Qual seria a princezinha,
A mais pura,
Que não teve uma cestinha
De costura?!

Enleada, entrançada,
De perfil correcto e belo,
Muito bem entrelaçada
E côr de velho marfim,
Como tranças de cabelo,
Como c'róa d'oiro, enfim.

OS VIMES

Qual seria a camponesa
Que não teve, à sua mesa,
Um açafate com pão?!...
Pintalgado de mil côres,
Ornamentado de flôres,
E dentro,
Ao centro,
A mancha dum coração...



O OLEIRO



QUAL pequenino deus, um pobre obreiro,
Um dia,
Num gesto humano e bom e de alegria,
Cava e arranca à terra
O barro primeiro...
E amassou com lágrimas e dôres
A argila que arrancára,
À terra que amanhã,
Onde crescia a vinha, onde nasciam flôres...

E, com as mãos trementes d'ânsia estranha,
O peito a arfar qual dôrso de montanha
Em scismico estertor,
Compoz e ergueu,
— Bôca voltada ao céu,
Em súplica d'amor,
Como para rezar a prece matutina
Dêsse primeiro gesto que mostrava
Que o cérebro do homem se inundava
Duma luz diamantina, —
A taça que sonhava,
A anfora divina.

E ergueu-lhe os braços ao céu constelado!
E o braço tornou-se asa, e, assim alado,
Divinizou-se...
E sublimou-se...
Levou-a ao altar onde crepitava
A chama perfumada e resinosa
Que o ar embalsamava,
De mirra, incenso e rosa...

E os deuses em fiadas
Ao longo d'alamedas,

Graves, nus, sem sêdas,
D'espáduas dilatadas,
Viam, dos pedestais,
Surgir-lhes um deus mais...

Junto ao fogo o barro escuro
E mole, tornou-se duro
E córou-se junto à chama.
Oh! que arte maravilhosa
Que torna a lama em rosa,
Consegue dar vida à lama...

E, suprema alegria,
Intérmino prazer!
Ver logo,
Ao fogo,
Um dia,
A água clara e mansa
— O grande bem que alcança —
Subir, pular, ferver...

Era um bem que já tinha e que lhe dava
Um conforto ignorado;

O OLEIRO

E à terra que êle amava,
À terra que êle arava,
— Ó Deus louvado! —
Dera-lhe corpo e vida impressionantes,
De fórmãs divínais e deslumbrantes,
De carne misteriosa,
Que, ao beijar da chama, se toucava,
D'esmeralda, ágata e rosa.

ALDEÃ



NA sua simplicidade
A nossa mulher d'aldeia,
Na verdade,
Vale mais
Que aquela que aí topais
Mais gaiteira na cidade.

Bendita a mão primorosa
Que não põe caio de rosa

ALDEA

Qual Marquesa
Mesinheira;
Mas tem sôbre a sua mesa
O linho da sua mão,
E o trigo da sua geira.

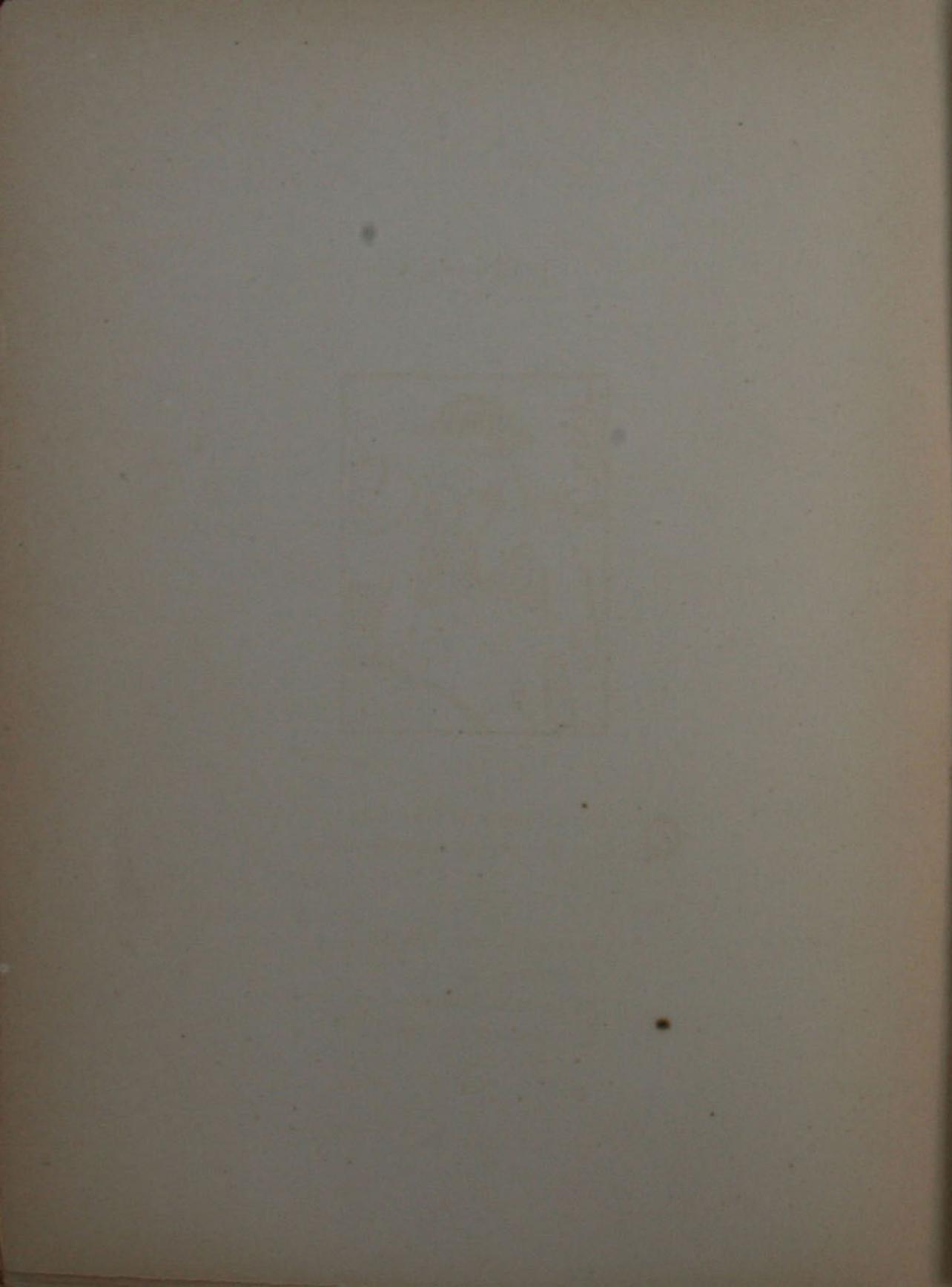
Tecem cardas e serguilhas,
Mais bureis;
E fieis
À tradição
Ensinam às suas filhas
A arte de seus avós
Entre cantar's e pezares,
Pezares que são cantares
Saídos do coração...

Arte não há sôbre a terra
Na qual não haja tocado
A mulher;
E já está mais que provado
Se na superfície imensa
O homem faz quanto pensa,
A mulher faz quanto quer...

ALDEÃ

C'um graveto,
Sôbre o barro amarelo,
Ou mesmo no barro preto
Ainda mole,
Grava e pole
Os contornos mais gentis
Nas infusas, pucarinhos,
Nas muringas ou gomis...

Tudo enfeita e tudo alinda,
Eu sei lá! que mais ainda
Ela engraça e embeleza,
Beleza que nos consola!...
Eu amo a mulher d'aldeia,
Pois aquela que se preza
Espalha por tôda a parte
Arte
Que não aprendeu na Escola.



LINHO



QUE belos campos de linho loiro
Com flôres roxas, baganhas d'oiro!...

Quando o vento lhes dá
Parecem soluçar
As penas do sofrer
Que têm que suportar...

LINHO

Linhais floridos das terras mansas
Vós sois loirinhas d'extensas tranças...

P'ra nos cobrirmos damos-te a morte,
Que triste vida! que bela sorte!...

Linho trigueiro feito de luz,
Vós sois moreno como Jesus;

Vós sois o manto que rebervera,
Em seiva Santa na primavera...

Semente oculta, misteriosa,
Nasce viçosa;

Brota à luz as folhas, brota à luz as flôres
P'r'à vida ligeira dos teus bons amores...

Pólen fecundante, tu és luz oculta,
Que dá luz ao gérmen e a semente exulta...

LINHO

Quando o vento passa pelo ar ligeiro
Vão os teus esporos pelo mundo inteiro

Como sois perdidos,
Corações perdidos...

E tu ó natureza
Genese mist'riosa
Que dás a vida ao verme
E mais o aroma à rosa;
Mãe da Verdade e Bem,
De tudo que sente e crê;
Abre o teu seio profundo,
Ilumina mais o mundo
Que não vê...

Linho!

Quando te arranca da terra o lavrador
Tu és a vida transformada em dôr;

LINHO

Tu és a vida imensa d'amargura
Qu'espera a morte sacrossanta e pura,

A paz da solidão das grandes queixas,
Têz morena, de luz, áureas madeixas...

Planta que transfigura em Dôr,
Dôr imortal e santa: Amor.

Linho!

Caem-te as baganhas, arrancadas
Pelo ripanço atroz, por mãos de fadas;

Mãos de môças morenas, côr do oiro,
Que nos dentes,
Triste sorte,
Dão à morte
Linho loiro...

LINHO

Linho!

Quando curtindo vais nas águas dos ribeiros
No meio d'harmonia
Saúdosa dos oiteiros
Que vicejam em flôr;
Eu oiço nessas águas
As tuas tristes máguas,
A tua eterna dôr...

.....
.....

Mulher's do campo,
Alegres vinde
Espadar linho
À luz do luar;
Entre os descantes
Dos namorados
Ouvem-se os fados,
Toca a espadar.

LINHO

Se a brisa passa
Nos arvoredos
Quantos segredos
Não levará?!
Ou ais ocultos
Do linho loiro,
Belo tesoiro
Que a terra dá.

São ais que passam
Des'percebidos,
São ais perdidos
P'lo imenso ar;
Vinde, moçoilas,
Com namorados,
Ao som dos fados,
Espadelar...

E entre as alegrias dos descantes
Não se ouvem vozes agonisantes...

Cobre a terra a paz, a paz das dôres,
A mãe de todo o Bem e mais das flôres.

LINHO

E p'ra depois o linho ser sedado
Entre espinhos crueis é lacerado.

E, nem um só ai se ouve, desta vida.
Daquela Alma dorida:

Alma plena de máguas concentradas,
Divina como o céu das noites esteladas,
Pura como o rosto da Virgem das Espadas,

Sofre por nós...

Alma cheia de luz que morre no martirio,
Alma que vai voando às regiões do empírio,
Alma que tem em flôr a côr roxa do lírio,

Morre por nós...

Avé-Linho ripado,
Avé-Linho espadado,

LINHO

Avé-Linho sedado,
Sofre por nós...
Linho-Santo d'amor,
Linho-Martir de dôr,
Linho de rôxa flôr
Morre por nós...

*
* *

Bôas velhinhas fiaí, fiaí,
Junto à lareira, bela pobresa!...
Faz frio fóra, a neve cai:
Branços cabelos da natureza.

Velhinhas bôas, fiaí o linho,
Fiaí, Santinhas, com mui cuidado;
P'ra fazer dêle lençol fininho
P'ra pôr no leito do meu noivado.

Fazei o fio com cuidadinho,
Para com êle mandar tecer
Os lençóis brancos do meu bercinho,
Par'um filhinho quando nascer...

LINHO

E quantas vezes, ternas velhinhas
Lá vão fiando sem o saber
As brancas toucas e camisinhas
Dos bons netinhos que hão-de nascer...

Quem sabe até se o branco pano
Que de mortalha me servir só;
Não foi fiado pela velhinha
De mãos trementes,
A minha avó!...

Sol!

Astro-vida, Astro-genese do céu!
Como é mist'riosa a luz do corpo teu!...

Pois tu que dás a côr morena às ceifeiras,
Sol-do-milho, Sol-do-trigo, Sol-das-eiras,

Torna o escuro linho, o linho amorenado,
Num linho alvo-cadáver-dissecado.

LINHO

.....

Linho!

Tu foste um corpo humanizado
E pelas leis da matéria transformado.

Linho!

Tu és um Santo, tu és um Bom!
Linho-planta, Linho-fio, Linho-pano,
Tu és a Alma inteira do coração
Humano...

Avé-Linho ripado,
Avé-Linho espadado,
Avé-Linho sedado,
Sofre por nós...

Linho-Santo d'amor,
Linho-Martir de dôr,
Linho de roxa flôr
Morre por nós...

BORDADEIRAS



PERPASSA a natureza um frémito de amor
que canta em cada pedra e ri em cada flôr;
e que toucado em luz e mais beijado de ar
num riso fraternal recita o verbo amar.
Um hálito de rosa enlanguesciente, cálido,
nostálgico, de sonho embriagante e pálido,
evóla-se do chão de pétalas juncado
qual vestido de noiva em dia de noivado.
A natureza canta em estrofes divinas
a beleza do azul, o verde das colinas,

BORDADEIRAS

as vertentes em flôr, as cristas irisadas
quais castelos feudais de moiras encantadas.
A natureza canta e ri e baila e chora
e beija cada seio e vai p'lo mundo fóra
enchê-lo de nobreza, embalá-lo do amor
que dá a luz ao crânio e embalsalma a flôr...
Ó natureza amiga, ó natureza casta,
o teu amor profundo, a mim, êsse me basta...
Tu és divina e bôa e mais sagrada e santa!
Tu deste a esp'rança a nós e deste o amor à planta!
Encheste-nos de luz e banhaste das côres
gritantes e subtis o grande mar das flôres...
Tu deste à fôrça heróica a graça das sereias
e mais a côr vermelha ao sangue azul das veias,
o murmúrio dolente às águas corredias,
a nossos corações as dôres e as alegrias.
Tu és a grande Mãe, a única Mãe pura,
que sabes dar prazer e sabes dar ventura!
A grande excitadora, e foi assim porque
tanto inspirou Wateau, como inspirou Milet.
Toda a beleza da arte, a grande maravilha,
que em tôda a parte reina e em tôda a parte brilha
e que desce até nós qual uma evocação
é a voz da natureza a par dum coração!
E assim a sua luz, na ilha da Madeira,
deu graça e deu valor à mão da bordadeira...

BORDADEIRAS

Bordadeiras dos montados,
bordadeiras,
engraçai vossos bordados!
Que cuidados
e canceiras
não dão os vossos bordados!...

Sois pobresinhas, no entanto,
bordadeiras,
ninguém vos excede tanto
em canceiras
que dão os vossos bordados...

Bordadeiras dos montados,
rostos queimados, morenas;
bordais por entre açucenas
enxovais para noivados...
Bordadeiras, vossas penas
São levadas dos montados...

Vossas choupanas coimadas
são bonitas, caprichosas,
bordadeiras!

BORDADEIRAS

São cercadas de latadas,
quási cobertas de rosas,
nas vertentes penduradas
como ninhos de andorinhas!
Trabalhai! Vossas canceiras,
são canceiras de rainhas...
Da natureza vos vem
a mais doce inspiração,
bordadeiras!
Que canceiras
há no vosso coração!
Canceiras quem as não tem?!...

A cantar bordais saúdades
e suspiros e martírios,
bordadeiras!
Bordais rosas, bordais lírios!...
Que fagueiras
feiticeiras,
que a cantar bordais saúdades...

A quem bordou o enxoval
êsse alguém borda a mortalha,
bordadeiras!

BORDADEIRAS

Rosa branca num coval
a saúde e a dôr espalha!...

Humildes nascesteis, sim!
Bendita a vossa pobreza!
Na terra a quanta princesa
vós dais beleza sem fim!
Que cuidados
e canceiras
não dão os vossos bordados,
bordadeiras!...
Se sois velhinhas, embora!
vós bordais quais namoradas
camisinhas de noivado
para moiras encantadas,
feiticeiras!...

Olha êste vestido
de *abertos, bastido,*
recorte, arrendado...
Ráinhas, princesas,
senhoras marquesas,
ficavam mais belas
com êle enfiado.

BORDADEIRAS

Tem rosas dobradas,
avencas bordadas,
corôas sem fim . . .
Perfeitos amores,
grinaldas de flôres
que por serem tantas
parece um jardim.

Vesti-lo quem deve,
assim qual a neve,
só noiva gentil!
Aquele brancura
revela candura,
candura estelada
de céu primav'ril.

Só mãos delicadas,
ou de anjos ou fadas
podiam formar;
jardins para amores
cobertos de flôres,
de jaspe da terra,
da espuma do mar . . .

